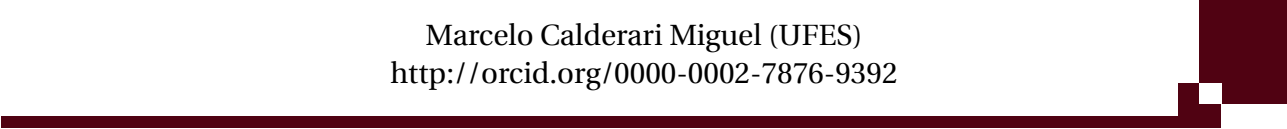


COROA E O PARAFUSO, ROSCA SEM FIM

Marcelo Calderari Miguel (UFES)
<http://orcid.org/0000-0002-7876-9392>



Quem de nós não desiste?
Quem face a mudanças sobrevive?
À possibilidade realística de ver no copo
Meio cheio, meio vazio ou apenas vê o copo com líquido
Uma gama dividida, ambiental mureta, econômica e social diplomacia

Quem se desmantela?
Sente que desmancha, éticos princípios
Certa vertigem e canalhice,
Motivo daquilo que me constrangia
Zombado do destino e dos mitos

A lógica da vida talvez a superestime,
Certa estranheza e náuseas,
Percebem-se vagas e meias virtudes
Há um abusar de pronomes oblíquos
Da primeira pessoa do singular

Assim se escapa dos enigmas, pronunciamentos
Um raciocínio lateral, um desgoverno, bases das guaritas
Ingerência mista e pagã molecada, democracia esculachada
Me assombrados e arrepio, transmissão sem sentido
Muitas dores e segredos, uma péssima atuação
Sentou uma última live despedida, decolada lástima
Voa mito e safar-se, tornejando sem número de encostas.

Num enroscar sem fim, derivando em aladeirados, canalize
A função de objeto indireto, risadas e o abismo
Meus enigmas, suas vertigens, um desconsolo frouxo
Entre mim e você devem ficar os dilemas
O não enternecido finda, se rende e desmancha
O deboche e o escapismo, pouco se fala com nós todos.